

GEOGRAFIA EM ESCALA LOCAL: UM ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DE CALIFÓRNIA

Dorotéia Kovalczuk Portelinha¹

RESUMO

Este artigo, resultado do Programa de Desenvolvimento Educacional, programa de formação continuada que integra as escolas e as Instituições de Ensino Superior do Estado do Paraná, tem como objetivo refletir sobre conteúdos e práticas pedagógicas acionadas por essa experiência. O trabalho “Geografia em Múltiplas Escalas – o singular, o particular e o geral no estudo dos municípios”, foi elaborado dentro dos conteúdos estruturantes das Diretrizes Curriculares contemplando três eixos que são: Limites, Arranjos Territoriais e Dinâmica Populacional. O pensamento que norteia este trabalho fundamenta-se no entendimento de que a construção do conhecimento parte da singularidade, passa pela particularidade e chega à generalidade, para então, em movimentos dialéticos sucessivos, retornar novamente às instâncias anteriores de conhecimentos. Nessa concepção, o uso de recursos adequados à representação/problematização da espacialidade dos fenômenos, como por exemplo, mapas, indicadores e textos relativos à escala local são imprescindíveis, pois permitem ao educando entender e decodificar o lugar em que vive. Trata-se de construir conceitos científicos, no imaginário infantil, partindo da realidade em que se está inserido, ampliando um conhecimento auto-construído, por meio da transcendência da escala de análise via conceitos e conteúdos científicos.

Palavras-chave: espaço de vivência, espacialidade, geograficidade, município.

ABSTRACT

This article results from a search of the Education Development Program (PDE), it is a program of continuous training that joins schools and higher Education Institution of Paraná State and it has a aim to show some educational practical and reflection resulting from this experience. The assignment “Geografia em Múltiplas Escalas – o singular, o particular e o geral no estudo dos municípios”, was made in accordance with structural contents of Curriculum Directive contemplating three items: limits, territorial arrangements and population dynamic. The thinking that orientated this assignment bases on understanding of knowledge construction starts and pass to peculiarity and reaches generality so that

¹ Professora de Geografia da Rede Pública de Ensino do estado do Paraná, Pós Graduada em Geografia Física e Meio Ambiente. Concluinte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, 2008. e-mail:doroteiakovalczuk@hotmail.com

successive dialectics movement to return to previous persistence of knowledge. In this idea, the use of several resources that broach spaces of phenomenon, for example, maps, indicators and texts in local scale are essential so they allow students to understand and realize more systematized way the place where they live. It is a question of build scientific idea, in the childlike imaginary, starting from reality where he/she is insert, extending and modifying this knowledge self built by extension of analysis scale and use of ideas and scientific knowledge.

Key words: existence space, town, spaces, geography.

Introdução

Ensinar Geografia às crianças e jovens da educação básica tem sido um desafio para os educadores, face às inúmeras dificuldades. Uma das barreiras encontradas diz respeito à falta de material didático sobre o local onde o aluno vive e mora, pois para que ocorra uma aprendizagem significativa é preciso correlacionar conceitos, tais como: o que é um município; qual ou quais funções ele desempenha; que importância ele exerce dentro do Estado e do País, quais os limites do município e para que servem tais limites, o que é o rural e o que é o urbano; enfim, é preciso estabelecer um diálogo entre o conteúdo escolar e o cotidiano do aluno. O primeiro não deve estar distante da realidade, da vivência do educando, para que o mesmo possa fazer as devidas correlações entre o que ele aprende e o que ele vive suas experiências do dia a dia.

Katuta (2004), citando Vigotsky, enfatiza que a ação de qualquer ser humano antecede a linguagem, portanto, o aluno só aprende por meio de suas experiências. Nos processos de formação de conceitos, o pensamento oscila entre duas direções: do particular para o geral e do geral para o particular.

Contemplando tais pressupostos, elaborou-se um material didático-pedagógico, com o objetivo de complementar o trabalho com conteúdos de geografia presentes nos livros didáticos adotados no ensino básico, privilegiando a análise dos arranjos espaciais em múltiplas escalas.

Um dos caminhos possíveis para mudar a realidade que, via de regra, constitui-se uma das utopias que movem o fazer geográfico, é o de promover o processo de ensino e aprendizagem a partir da realidade local. É a partir daí que se pode chegar a outras escalas, compreendendo as múltiplas determinações que interferem na ordenação dos arranjos espaciais.

Schimdt e Garcia (2006) consideram que articular os conteúdos nacionais e gerais com a realidade local permite ao educando ter uma postura crítica em relação aos mesmos e, assim, construir múltiplas interpretações sobre eles, superando as visões preestabelecidas.

Já Bertanini (1985, p. 118), escreve: “Estudar o espaço vivido significa superar a dimensão do espaço extensão, ou espaço suporte das

atividades, para acolher a noção de representação do espaço, como espaço construído através do olhar das pessoas que o vivem-habitam”.

Para a elaboração do material didático, partiu-se dos conteúdos estruturantes das Diretrizes Curriculares do Paraná, o qual foi dividido em três eixos temáticos: limites, arranjos territoriais e dinâmica populacional.

O eixo temático “limites” privilegiou os seguintes conceitos, noções e conteúdos: perímetro urbano, vegetação, relevo, solo, hidrografia e clima do município. Esses elementos foram investigados e seus signos decodificados a partir do diálogo local/global, para dar sentido à realidade, pois como afirma Pereira (2003, p.15): “O papel fundamental da Geografia no ensino básico é o de proporcionar aos alunos os códigos que os permitam decifrar a realidade por meio da espacialidade dos fenômenos, ou seja, alfabetizar geograficamente.”

Quanto ao eixo “arranjos territoriais” o objetivo é o de levar o aluno à observação do entorno, que lhe permita identificar a ordenação territorial dos fenômenos e seus significados, compreendendo assim as ordenações espaciais em múltiplas escalas. Cumprem-se, assim, princípios das Diretrizes Curriculares, visto que um dos eixos dos conteúdos estruturantes diz respeito à oportunização da compreensão do espaço vivido pelos próprios educandos, por meio do desvendamento das relações oriundas da multiplicidade de escalas que compõem o território, sem desconsiderar a institucional, mediadora de campos de forças sociais e políticas. (DIRETRIZES CURRICULARES, 2006, p.32)

Já no eixo “dinâmica populacional”, contempla-se a articulação entre o modo de produção, a estrutura de classes e os arranjos territoriais, de modo a favorecer o reconhecimento de diferentes formas e agentes que medeiam a incorporação da terra, a apropriação de seus frutos, dos bens e recursos, via trabalho e capacidade de consumo na engrenagem universal do capitalismo.

Enfim, este eixo privilegia a reflexão sobre os processos de desenvolvimento econômico, social ou cultural em qualquer escala, pois são os fenômenos ligados à dinâmica populacional que produzem as configurações dos diferentes usos da terra, da água, do ar, a produção e o consumo dos diversos tipos de energia, além de outros recursos.

Aprendizagem Geográfica no Fazer Cotidiano dos Alunos: considerações Teóricas

O diálogo com os conteúdos parte do pressuposto de que no espaço criado pela sociedade sempre se estabelecem limites, os quais representam controles e usos diferenciados, estabelecidos por determinações históricas, econômicas, sociais, políticas, geográficas e culturais.

Considera-se também que buscar a compreensão do espaço vivenciado implica entender os arranjos espaciais que nos rodeiam e também aos outros, o que nos auxilia a perceber quem somos e o papel que efetivamente temos em nossa realidade.

Para Callai e Zarth (1998, p. 11):

[...] estudar o município é importante e necessário para o aluno, na medida em que ele está vivendo. Ali estão o espaço e o tempo delimitados, permitindo que se faça a análise de todos os aspectos da complexidade do lugar. [...] É uma escala de análise que permite que tenhamos próximo de nós todos aqueles elementos que expressam as condições sociais, econômicas, políticas do nosso mundo. É uma totalidade considerando seu conjunto, de todos os elementos ali existentes, mas que, como tal, não pode perder de vista a dimensão de outras escalas de análises.

Como primeiro passo, entendemos ser necessário elaborar o conceito de limite para o lugar-território, explorando as visões globais, nacionais, estaduais até chegar ao singular. Somado a isso, trouxemos à tona o processo histórico-espacial constitutivo dos arranjos espaciais locais por grupos sociais que estiveram e que chegaram no momento de formação inicial do município. Dessa maneira, procuramos explicitar como se deu a organização espacial do município, sua lógica e os elementos que nela influenciaram.

O entendimento destas questões auxilia a criar uma identidade, inclusive quando se percebe que cada um teve uma trajetória própria, única, contudo, muito parecida com a do outro e de muitas famílias que habitam no mesmo município. Assim, pode-se verificar a dimensão social e singular dos processos que influenciam na produção dos arranjos espaciais do município, não raro, orquestrados por políticas estaduais, regionais, nacionais e até mesmo internacionais, como foi o caso do incentivo, no século XIX, ao processo de imigração encetado, sobretudo, por países europeus e asiáticos.

O papel básico do ensino de Geografia é proporcionar várias ferramentas para alfabetizar espacialmente o aluno, contemplando-se as diversas escalas, a fim de auxiliar o mesmo no entendimento das noções de espaço, paisagem, natureza, Estado e sociedade, conceitos fundamentais para o entendimento dos arranjos espaciais.

Isso pressupõe a utilização de recursos pedagógicos e meios disponíveis, como a informática, imagens, gráficos, tabelas e outros meios de representação, comunicação e transmissão do conhecimento.

O professor por ser o mediador entre o aluno e o conhecimento científico, é aquele que, por meio de estratégias, dinâmicas e conteúdos significativos, deverá proporcionar uma educação de qualidade, que ajude o educando a assumir uma posição mais crítica e consciente em relação à produção do espaço em nossa sociedade.

Em relação às atividades propostas no contexto dos materiais didático-pedagógicos desenvolvidos, destaca-se que as mesmas buscam aprofundar o conhecimento da geograficidade local, para possibilitar seu entendimento em meio ao intercâmbio teórico-conceitual com outros níveis escalares.

Neste sentido, a produção de mapas locais é um recurso importante. Castrogiovanni (2003, p. 34) afirma que a leitura de tais materiais supõe o domínio do sistema semiótico da linguagem cartográfica. O mapa é a representação do espaço real em códigos e possui um sistema semiótico complexo. Dessa forma, ler mapas é decodificar, realizando a representação mental da mensagem em códigos. Se quisermos que nossos alunos compreendam os arranjos espaciais em que vivem, a linguagem cartográfica é ferramenta essencial neste processo, e deve estar presente em seu cotidiano escolar. Eis a razão em trabalhar os limites utilizando tal ferramenta.

A Escola e, especificamente o ensino da Geografia, tem o papel de proporcionar a construção de significados em torno dos arranjos espaciais, oportunizando aos alunos a compreensão das paisagens atualmente produzidas.

No material em questão, cada item trabalhado recorre a diversas estratégias entre as quais o diálogo com o tema proposto por meio de questões previamente definidas, o uso de imagens e representações, tais como mapas, fotografias, figuras, bem como gráficos, tabelas, textos informativos e dados de ordem histórica, social e econômica. A perspectiva é a de auxiliar o aluno a apreender conceitos, meta fundamental do presente trabalho.

Ao construir conceitos o aluno realmente aprende, por exemplo, a entender um mapa, a compreender o relevo, o que é região, nação, município. Ao conhecer, analisar e buscar explicações para compreender a realidade que está sendo vivenciada no seu cotidiano, ao extrapolar para outras informações e ao exercitar a crítica sobre essa realidade, ele poderá abstrair esta realidade concreta, teorizar sobre ela e construir o seu conhecimento. Ao construir os conceitos, o aluno aprende e não fica na memorização. (CALLAI, 2003, p. 61).

Trabalhar com a formulação de conceitos supõe que o conhecimento que o aluno já tem a respeito do que conhece e experiência é um ponto de partida, devendo ser ampliado a partir dos diálogos que a educação formal propicia.

Nesse sentido, o estudo do território é fundamental para que se entendam as relações e a dinâmica do processo de construção do espaço. Território refere-se à parcela geográfica apropriada por um grupo humano ou animal, ou por um indivíduo, visando assegurar sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais. Como lembra Raffestin (1980), território é o espaço delimitado por e para relações de poder, o que remete ao princípio do controle pessoal ou coletivo.

Sendo assim, a delimitação territorial obedece a diferentes contextos e escalas que, por vezes, encontram-se sobrepostos: a casa, o escritório, o sítio, a fazenda, a cidade, a região e a nação são frações do território. Cada território é, portanto, moldado a partir da combinação de condições e forças internas e externas, devendo ser compreendido como parte de uma totalidade socioespacial.

O conceito de território é fundamental para a análise da constituição do espaço geográfico e pode ajudar o aluno a entender a lógica da ordenação territorial dos elementos que o compõem. Desse modo, é importante colocar em discussão o enfoque a ser dado ao conceito de território, sem perder de vista aquilo que possa auxiliar a compreensão das relações que se dão no interior do modo capitalista de produção. Isso perpassa questões políticas, econômicas e culturais que, por sua vez, estão materializadas no espaço geográfico. De acordo com Callabi e Indovina (1973) “As relações capitalistas de produção tendem a se ampliar e abranger toda a sociedade; são estas relações e o desenvolvimento das forças produtivas que dão a configuração específica ao território.”

A formação de arranjos locais e sistemas produtivos encontra-se geralmente associada às trajetórias históricas de construção de identidades e de formação de vínculos territoriais, a partir de uma base social, cultural, política e econômica comum (ALBAGLI; BRITO, 2003, p. 4). A expressão e a configuração desses arranjos territoriais dependerão da maior ou menor interação entre esses elementos locais e os demais.

A organização do território e suas transformações estão ligadas às forças produtivas do sistema capitalista e às suas contradições, existindo um conflito entre capital e trabalho que vai influenciar nos arranjos territoriais como: localização industrial, como se dá o uso do solo urbano e rural etc já que “O processo de produção ocorre no espaço. O primeiro uso do território, que devemos, portanto considerar é o produtivo” (CALLABI; INDOVINA, 1973).

A distribuição e a área de abrangência dos diferentes arranjos territoriais resulta, respectivamente, de usos e controles diversos, no contexto das relações de poder de que nos fala Raffestin (1980). Sendo assim, a perpetuação desses arranjos dependerá de uma organização política, administrativa, cultural e de produção do conhecimento, onde a manutenção e a transformação desses arranjos são influenciadas majoritariamente pela lógica produtiva em suas múltiplas escalas, da local à global.

Essas mudanças tecnológicas vão moldando as configurações territoriais de acordo com as exigências do mercado globalizado, onde produtos, informações e conhecimentos não conhecem distâncias.

Embora não haja consenso no que diz respeito à definição entre território e espaço, uma vez que para Raffestin (1993), ambos têm significados diferentes, enquanto Milton Santos (2005) não os distingue, este debate é fundamental para o conhecimento geográfico, cujo fim é a compreensão dos arranjos territoriais.

Para Santos (2005, p. 79) no mundo globalizado o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições, onde os atores mais poderosos exercem controle sobre os territórios potencialmente aptos às maiores taxas de acumulação, restando aos demais o usufruto parcial ou precário dos bens indispensáveis à reprodução enquanto seres sociais.

Numa situação de extrema competitividade como a que caracteriza a contemporaneidade, os lugares repercutem os embates entre os diversos atores, e o território como um todo revela os movimentos de fundo da sociedade (SANTOS, 2005, p. 79). Esta dinâmica ajuda a entender como frações territoriais distintas são constituídas, em face do jogo de interesses que interferem na esfera da produção e da circulação dessa produção, do capital e das informações necessárias para o seu funcionamento. Tudo isso resulta em arranjos específicos, porém, ligados a uma ordem abrangente.

Por essa razão, Santos (2006, p. 314) chama a atenção para o fato de que “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Mas cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. ” Daí o necessário cuidado para não se cair numa análise simplista do lugar, como meras frações que, somadas, compõem o global. Em outras palavras, para se entender o lugar em que se vive “não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte” (SANTOS, 2006, p. 314).

Esse contexto é o que confere importância ao ensino de Geografia, que busca fortalecer a concepção de seu objeto de estudo, apoiando-se na investigação e compreensão do desenvolvimento e da dinâmica da sociedade e sua repercussão na organização do espaço geográfico. No século XXI, nos deparamos com a prevalência do caráter informacional que é próprio desse estágio do capitalismo, o qual reorganiza o espaço geográfico e as formas de produção, consumo e circulação de mercadorias, pessoas e idéias.

São estes pressupostos que nortearam a elaboração do material didático pedagógico, com o qual espera-se desenvolver no educando o gosto pela observação detalhada, pelo estabelecimento de relações que o permitam compreender o que acontece no seu município para, a partir daí, transcender da escala das particularidades para as generalidades, que se insinuam nas escalas regionais, nacionais e mesmo globais.

Para tanto, outra frente de ancoragem é a análise da dinâmica populacional, pois se trata de um dos fatores fundamentais para a compreensão do objeto de estudo, ou seja, a distribuição territorial dos fenômenos e seus significados na organização e formação dos espaços geográficos. O intuito é entender como a dinâmica populacional interfere na formação espacial da sociedade e reportar essa compreensão para o contexto da cidade e do município.

O desvendamento da dinâmica populacional local, considerando-se características cuja origem está no próprio povoamento, bem como as migrações, entre outros, são fatores que imprimiram marcas no município, produzindo novas territorialidades. Tomá-los como ponto de partida permite a elaboração de uma leitura das espacialidades, das formas como os grupos sociais se organizam no espaço-tempo, dadas as suas relações com as mudanças políticas e econômicas ocorridas em escala nacional e mundial, cujo entendimento supõe a mediação das geografias engendradas pela dinâmica populacional em escala local.

Esse conhecimento sobre a dinâmica populacional e a formação das diferentes geografias contribui, em larga medida, para o entendimento dos problemas, tais como: déficit de moradia, carência de infra-estrutura em determinados locais da cidade, ocupações irregulares (assentamentos e favelas), crescimento do setor informal, entre outros. Sua recorrência inclusive em cidades pequenas, como Califórnia, evidencia o quão necessárias são as políticas públicas cujo foco seja o reordenamento dos arranjos geográficos do município.

E para isso, não se poderá prescindir da geografia, saber por excelência para a leitura da paisagem, que nada mais é do que a representação das geografias no espaço. “Isso ocorre quando a paisagem se revela em sua essência ao corpo que a experiência como espaço-tempo-mundo, o espaço aparecendo como a forma de existência do homem-no-mundo.”(MOREIRA, 2004, p.194).

A complexidade da dinâmica populacional remete à lembrança de que uma das características mais antigas e marcantes da sociedade é que a mesma dispõe da possibilidade de deslocamento nos diferentes lugares terrestres. Vários motivos impulsionaram os seres humanos a migrar, como a escassez de alimentos, a busca de alternativas de sobrevivência, a conquista de novos territórios, as crises econômicas, as fugas políticas e religiosas, entre outros.

Portanto, os fluxos migratórios estão relacionados às transformações econômicas, políticas, técnicas, culturais e geográficas que se territorializam, materializando a organização de novas formas no espaço-tempo.

Na abordagem de fatores ligados às condições naturais, aos arranjos espaciais e à dinâmica populacional, são estabelecidas correlações que interferem no processo de ocupação do espaço. Quando se parte de amplas escalas para o plano local, torna-se possível identificar que elas nada têm de aleatório, pois a influência das políticas públicas e dos agentes privados é determinante nos fluxos migratórios que estabelecem, seja de entrada, seja de fuga populacional. Enfim, essas investigações possibilitam a análise das tendências atuais dos deslocamentos populacionais correlacionados com os arranjos espaciais restritos e amplos.

Para entender esta dinâmica, uma variável a ser considerada é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por se tratar de um parâmetro que permite avaliar o nível de desenvolvimento de um país e a qualidade de vida da população baseado em indicadores socioeconômicos como: escolaridade, renda per capita e longevidade. A articulação entre estes três itens é expressa em uma escala que oscila de 0,0 a 1,0: quanto mais próximo de 0,0, piores são as condições de vida; quanto mais próximo de 1,0, mais elevada é a qualidade de vida da população em geral.

Para entender a dinâmica populacional em Califórnia, como passo para entendê-la nas demais escalas, foram utilizados dados referentes ao melhor e ao pior IDH para as diversas escalas do território brasileiro, possibilitando a comparação entre eles. Utilizou-se dados e mapas

disponibilizados principalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto Paranaense de Desenvolvimento (IPARDES), buscando-se relacionar o IDH do Estado do Paraná com outros estados. Reflexões acerca dessa geograficidade foram apoiadas em análises comparativas entre as diferentes regiões do estado, sempre dialogando com o IDH do próprio município.

Outra estratégia didática foi o trabalhado com Pirâmides, que nada mais são do que gráficos representando a estrutura de sexo e idade de uma dada população. Nesse tipo de gráfico, cada uma das metades representa um sexo, a base representa o grupo jovem (até 19 anos), a área intermediária representa o grupo adulto (entre 20 e 59 anos), e o topo ou ápice representa o grupo de idosos (acima de 60 anos). Por meio das pirâmides etárias, é possível conhecer a realidade socioeconômica dos países, regiões e municípios. (ALVES, RIGOLIN, 2005, p.112,113).

De acordo com o formato de uma pirâmide, podem-se estabelecer três categorias populacionais prevaletentes: jovem, adulta e velha. Além de permitir fazer inferências sobre o grau de desenvolvimento de um país, a utilização da pirâmide etária no estudo da dinâmica populacional permite analisar a o crescimento vegetativo da população.

A partir da análise das pirâmides etárias do Brasil, do Paraná e do município, pretendeu-se destacar a dinâmica da natalidade, da mortalidade infantil e da expectativa de vida dessas populações e, então, possibilitar a comparação da evolução da pirâmide etária em diversas escalas temporais e espaciais, bem como o estabelecimento das hipóteses que explicam as respectivas diferenças.

Dialogando com Conceitos Geográficos a Partir dos Eixos Temáticos: Limites, Arranjos Territoriais e Dinâmica Populacional.

A utilização do material didático concebido seguindo a princípios indicados anteriormente, e que privilegiou os seguintes eixos estruturais: Limites, Arranjos Territoriais e Dinâmica Populacional, se deu com os alunos da 6ª série do ensino fundamental do Colégio Estadual Talita Bresolin de Califórnia. Levando-se em conta que dentro das Diretrizes Curriculares define-se que a Geografia como disciplina deve auxiliar na formação do cidadão, privilegiando a discussão, a reflexão e a análise da paisagem em uma visão que transcende as aparências, o trabalho ora posto em prática vereda por este caminho em sala de aula, tendo por base a prática articulada aos conceitos.

Dentro do eixo “limites” focou-se, num primeiro momento, os limites e fronteiras. Como proposta de aplicação metodológica, inicialmente trabalhou-se o espaço de vivência do aluno: casa, quadra, bairro, cidade, buscando revelar signos, sob o ponto de vista local, demonstrando que as fronteiras e limites se estabelecem a partir das necessidades de organização da sociedade. Isso levou o aluno a pensar e refletir sobre seu espaço, auxiliando na transição do conteúdo abstrato para o conceito concreto.

O levantamento de uma série de questões sobre os limites que fazem parte do cotidiano dos alunos como exemplo os do corpo humano, da carteira escolar, da sala de aula, das dependências da escola o de um lápis ou uma borracha, conduziu os alunos, através da exemplificação concreta, compreender o significado de limites antes de construir seu conceito, o que tradicionalmente acontece nas escolas. Esta temática se consolidou na prática por meio de desenhos livres em que os alunos representaram situações como os limites do seu cotidiano e com a análise de mapas que marcam os limites intermunicipais e imagens de diferentes tipos de fronteiras existentes em nosso meio.

Entendemos que a partir do desvendamento do local, o aluno tem maior facilidade em relacioná-lo com o que ocorre mundialmente, percebendo que há uma interligação de fatos e acontecimentos, mesmo que o lugar de sua vivência nem sempre se assemelhe à realidade mais ampla, em virtude de suas particularidades. Estando as práticas conectadas aos conceitos, a produção e o desenvolvimento de atividades em sala fazem com que o aluno se liberte da “decoreba” e se motive a participar da produção do conhecimento que a aula oportuniza, pois ele se integra, transcendendo a posição de mero depositário do conhecimento.

Pudemos observar que as atividades com mapas e figuras tornaram-se atrativas aos alunos, já que no mapa eles conseguem visualizar o ponto onde reside, o local em que seu município/cidade se localiza. Do mesmo modo, conseguem estabelecer relações de limites entre seu município e outros vizinhos, começam a entender que os limites existem mesmo que não sejam visíveis, vislumbrando a territorialidade de forma mais concreta.

Esta metodologia de trabalho veio acompanhada das seguintes indagações:

- a) O que é limite?
- b) Quais limites fazem parte de seu dia-a-dia?
- c) Para que serve o limite?
- d) Olhando para as diversas paisagens de seu município, é possível visualizar os limites que os diferentes grupos sociais estabelecem?
- e) Quais os tipos de fronteiras há no município?

Com as atividades e questionamentos realizados, os alunos formularam conceitos sobre a definição e abrangência da palavra limite e compreenderam suas variações, percebendo a relação entre sociedade e natureza nos diferentes limites e escalas. E que os limites são estabelecidos por meio de decisões historicamente construídas pela sociedade.

A identificação dos limites político-administrativos do Município ocorre com o trabalho envolvendo mapas do macro zoneamento e zoneamento urbano do Município de Califórnia, fazendo a distinção dos limites administrativos e entre o espaço urbano e o rural.

Esta metodologia de trabalho permitiu a distinção do perímetro urbano das demais áreas, na medida em que os alunos identificam elementos da paisagem urbana em relação à paisagem rural, diferenciando-

os e distinguindo as distintas atividades econômicas e culturais existentes e realizadas nessas áreas.

Essa experiência de estudo com os conteúdos organizados a partir da escala local foi bastante satisfatória, embora haja ainda dificuldades, por parte de alguns alunos, em apreender certos conceitos.

Quanto os conteúdos vinculados ao eixo “dinâmica populacional”, deu-se ênfase ao IDH e à formação da pirâmide etária do município, tendo sido realizadas discussões sobre os conteúdos relacionados ao tema. Além das discussões, os alunos foram divididos em equipes, e realizaram uma pesquisa sobre a população do município, buscando-se dados principalmente no IBGE e Prefeitura Municipal.

O trabalho com os dados permitiu aos alunos perceberem como a população está organizada, principalmente em relação à divisão por sexo e idade. Ao ser montada a pirâmide etária do Município, outros aspectos foram levantados, como o porquê das diferenças da distribuição entre população masculina e feminina, de crianças e de jovens.

Este conteúdo gerou muitas indagações, que foram orientadas pelas seguintes questões: qual é o nível de escolaridade dos familiares dos alunos, quantos deles têm empregos e qual a remuneração familiar? Foram levantados também o tempo de vida dos avós, tios e outros membros da família, número de filhos, crianças falecidas, tudo isso no intuito de desvendar a composição da pirâmide etária. Os alunos envolveram-se na atividade, assumindo a tarefa de formulação e sistematização dos dados.

Tais procedimentos foram fundamentais para o estudo da evolução populacional do município desde 1960 até os dias atuais, o que tornou evidente o declínio populacional. Os materiais trabalhados foram fundamentais para a correlação dessa dinâmica com os processos agrários que marcaram o município desde então, já que no município predominava o cultivo do café, cultura intensiva em mão-de-obra. Com a crise de preços e mercados, aliado à emergência do paradigma técnico adequado às lavouras mecanizadas, essa lavoura acabou perdendo espaço no município, e que culminou com a crise provocada pela grande geada ocorrida na região, levando à quase a extinção deste cultivo, o que gerou amplo volume de migrações campo cidade e para além do município.

Em um mundo com tantas desigualdades, onde o futuro de um país ou de uma região depende de um bom planejamento e de políticas demográficas bem estruturadas, a compreensão das variáveis que permeiam a dinâmica populacional é fundamental, pois o fato de o aluno entender e desvendar as complexidades que produzem a ordenação espacial da sociedade atual é um pressuposto para o exercício da cidadania.

Neste eixo temático, o trabalho foi realizado com alunos da 6ª série do ensino fundamental e do 2º ano do ensino médio. Neste, valemo-nos de uma proposta metodológica diferenciada, o recurso ao teatro, dramatização e música. A partir das pesquisas realizadas para a montagem da pirâmide etária e evolução da população, os alunos montaram uma dramatização que, por meio de encenações e melodias, apresentaram ao público escolar e

comunidade local como se deu o movimento populacional no município desde o início de sua colonização até os dias atuais.

A dramatização proposta consiste em uma montagem simples e didática, como ferramenta para o ensino, sendo uma estratégia alternativa que auxilia as práticas escolares. Dramatizar o conteúdo de Geografia facilita o aprofundamento do que foi discutido em aula, transformando o assunto em linguagem lúdica, num diálogo teórico-prático. Quando os alunos se colocam como atores ou contando sua história, se vêem como integrantes de um processo social, ampliando seus horizontes de percepção de mundo. Dessa forma o ensino de Geografia se torna mais significativo sob a perspectiva de sociedade, espaço e temporalidade.

O ir e vir da população em busca de sobrevivência e de um mundo melhor é o que impulsiona o dinamismo populacional e retrata a sociedade onde estamos inseridos. Acreditamos que relacionar os conhecimentos prévios vividos, experimentados e construídos no âmbito da escola e da sala de aula pelos alunos e aqueles que cotidianamente são adquiridos por meio dos meios de comunicação, é uma forma de promover conhecimentos para a construção de conceitos geográficos. Por sua vez, estes é que permitirão o entendimento dos diferentes níveis de fenômenos, consideradas as diversas escalas.

Para a compreensão de conteúdos como perímetro urbano, vegetação, relevo e hidrografia, optou-se por utilizar a construção de maquetes, por ser este um recurso didático com amplas possibilidades de aprendizado e pela sua tridimensionalidade, que facilita a relação do real com o abstrato.

Para sanar dificuldades de interpretação de mapas físicos, através das cores hipsométricas, a confecção da maquete se torna um instrumento que ajuda o aluno a perceber que o abstrato bidimensional do mapa torna-se real, em três dimensões da maquete: largura, altura e comprimento.

Para a montagem da maquete, utilizaram-se técnicas e materiais simples. Os alunos foram divididos em equipes, e cada uma delas se ocupou de um recorte geográfico. Inicialmente os alunos transferiram de um mapa de representação hipsométrica do município para folhas de papel vegetal, as curvas de nível ou as cores hipsométricas, sendo transferidas cada cor ou curva relativa à altimetria da folha para uma base de papelão. Estes foram os moldes para posterior utilização de lâminas de E.V.A. (emborrachado) de cores diferentes, para a representação da hipsometria. As cores escolhidas foram: branca para a porção mais baixa do relevo, a amarela, laranja, marrom claro, marrom escuro, vermelho, roxo e preto.

Com a elaboração da maquete, os alunos puderam fazer comparações de grandeza, interpretar diversos recursos visuais como o relevo, as áreas de cultivo, localização dos rios, do perímetro e da área de expansão urbana, além de explorar a tridimensionalidade, comparando-a com o mapa.

Para obtenção de dados referentes à estrutura urbana e uso do solo urbano e rural do município foram realizadas pesquisas junto a Instituto

Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) do Município de Califórnia e Prefeitura Municipal. Os alunos coletaram dados sobre a economia do município e produções agropecuárias. Após sistematização dos dados, os resultados da pesquisa foram transferidos para uma maquete.

A maquete foi construída a partir da divisão em bairros, onde foram colados sementes de cereais ou imagens da produção nas áreas onde há cada cultivo. Foi muito relevante esta atividade para o entendimento da economia do município e o aprendizado aconteceu de forma concreta e relevante na vida escolar dos alunos, pois puderam observar a partir desta maquete que há uma diversificação da produção em alguns locais em detrimento a outros, e que isso ocorre devido a vários fatores, como o relevo, o tipo e qualidade do solo, hidrografia, clima, proximidade do perímetro urbano, entre outros. Concluindo assim, que a economia da região está ligada a diversos fatores que na produção interferem diretamente.

Demonstrando assim que a maquete proporciona ao aluno a leitura do espaço geográfico e colabora na compreensão da espacialização dos aspectos físicos de uma área ou região. É interessante esclarecer que as maquetes, assim como os mapas, não apresentam precisão na escala, havendo deformações da realidade, o que não invalida sua construção e utilização.

Cabe ressaltar que neste material a diversificação de atividades envolvendo o uso de imagens exige observação, interpretação, comparação e análises, levando o aluno a elaborar sínteses e problematizar conteúdos que, ao fim, são os próprios objetos de análise e interpretação do espaço geográfico.

A associação de diversas imagens, gráficos, tabelas e representações cartográficas com pequenos textos, questionamentos ou ilustrações estimularam os alunos a alcançar uma análise multiescalar, a qual evidencia a articulação existente entre o local e o global.

O aluno, ao se identificar com seu lugar no mundo e no espaço de sua vida cotidiana, é capaz de estabelecer comparações, percebendo as contradições expressas tanto local quanto globalmente. É assim que se chega à articulação de conteúdos, conceitos e informações, que devidamente trabalhadas descortinam as transformações presentes nas relações cotidianas.

Enfim, este material permite uma abordagem metodológica diferenciada, instrumentaliza o trabalho com temas de forma contextualizada, permitindo ao aluno se reconhecer como agente integrante do espaço, a partir das vivências e intervenções no âmbito de suas práticas cotidianas. Esta prática educativa no ensino de Geografia está comprometida em tornar o mundo explicável e, por conseguinte, busca compreender as relações econômicas, políticas e sociais, pensando o espaço nas diversas escalas, até para que o aluno não seja “estrangeiro em seu próprio mundo” (KATUTA, 2004, p.32).

Considerações Finais

Considerando que o processo de ensino-aprendizagem e que as mudanças no plano de ensino ocorrem de forma dinâmica frente à introdução de inovações tecnológicas, é fundamental que haja uma reflexão e inovações dos métodos e técnicas pelo professor, que é o mediador no processo em que o conhecimento é construído pelo aluno. Neste contexto, o propósito de acompanhar esta nova era educacional nos remeteu a elaboração e aplicação de um material que privilegia a construção de conceitos e conhecimentos científicos partindo de experiências cotidianas. Com isso, buscou-se uma maneira diferenciada de trabalho, mais atrativa e prazerosa para os alunos nas aulas de Geografia.

A experiência de produzir e aplicar em sala de aula materiais didático-pedagógicos cujo foco é a escala local merece algumas ponderações, sobretudo por que as ações colocadas em prática no decorrer das aulas não atingiram todos os alunos uniformemente, sendo que alguns permaneceram inertes ou à margem do conteúdo apresentado.

As diferentes situações de ensino-aprendizagem que conduzem o aluno a desenvolver uma visão contextualizada do objeto de estudo, não depende somente da metodologia aplicada ou da prática do professor, antes depende também do estímulo e do objetivo que o aluno, intrinsecamente, traz consigo.

Entretanto, de um modo geral, a proposta de trabalho com enfoque local, como ponto de partida, permitiram que vários alunos apreendessem conceitos sobre o lugar onde vivem com mais naturalidade. Mais importante que esta sistematização é a relação que puderam estabelecer entre os lugares mais próximos e mais distantes, bem como entre sociedades que, mesmo com diferenças econômicas e étnico-culturais, estão interligadas.

Se a Geografia é uma das interlocutoras na leitura de mundo, é possível tomá-la como referência para seguir vislumbrando uma sociedade mais pensante e atuante. Para isso, os alunos devem construir conceitos geográficos com significados capazes de levá-los a reconhecerem-se no espaço que habitam. Em outras palavras, que os tornem cidadãos capazes de interferir nos arranjos espaciais produzidos pela sociedade em que vivem.

Por fim, cabe salientar que esta proposta de formação continuada ofertada ao professor QPM (Quadro Próprio do Magistério) da rede estadual de educação, através do PDE, nos permitiu o retorno às atividades acadêmicas em nossa área de atuação, o que levou a atualização dos conhecimentos teóricos articulados à prática. Isso proporcionou uma reflexão mais profunda sobre nossa prática, possibilitando uma efetiva mudança metodológica no retorno à sala de aula. Oportunidade esta que, aliás, em nenhum momento da história da educação paranaense havia sido concedida aos professores.

O fato de as atividades do Programa, em sua grande maioria, ser realizadas de forma presencial nas Instituições de Ensino Superior Públicas

do Estado do Paraná, e sob a orientação de Professores Orientadores das referidas IES, oportunizou uma rica interação e troca de experiências.

Enfim, pudemos ficar mais atentos aos atuais rumos da Educação Básica e Superior, fomos protagonistas de diálogos e experiências que só podem partilhar aqueles que têm à frente a tarefa de ensinar.

Referências

ALBAGLI, Sarita; BRITO, Jorge. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais**. Relatório da fase piloto. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <www.ie.ufrj.br/redesist>. Acesso em: 08 out. 2007.

ALVES, Lúcia M.; RIGOLIN, Tércio B. **Geografia**. São Paulo: Ática, 2005.

BERTANINI, T. **O “espaço do corpo” e os territórios da vida cotidiana**. Seleção de textos, São Paulo, AGB, n. 10, p. 111-141, jun. 1985.

CALLABI, Donatella; INDOVINA, Francesco. Sobre o uso capitalista do território. *Archivio di studi urbani e regionali*. Veneza, anno IV, n. 2, junho 1973. (Mimeografado).

CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do lugar e a pesquisa como princípio de aprendizagem**. *Espaços da escola*, ano 12, n. 47, jan./mar. 2003.

CALLAI, H. C.; ZARTH, P. A. **O estudo do município e o ensino de História e Geografia**. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1988.

CASTROGIOVANNI (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRS, 2003.

Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná. Curitiba: SEED, 2006

KATUTA, Â. M. **O Estrangeiro no mundo da Geografia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MOREIRA, Ruy. Sertões: o Universal no Regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. **Ciência Geográfica**, Bauru, X, vol.X (3): Set./Dez. 2004.

PEREIRA, Diamantino. Paisagens, lugares e espaços: A Geografia no ensino básico. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 79, p. 9-21, 2003.

PORTELINHA, D.K. et. al. Projeto de intervenção para o Programa de Desenvolvimento Educacional. Londrina, 2007.

SCHIMDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga. A História guardada no Baú. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 1, n. 8, p. 82-85, fev/mar 2006.

RACINE, J. B. ; RAFFESTIN, C.; RUFFY, V. Escala e ação, contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática da geografia. Transcrito de: **Geographica Helvetica**, v. 35, n. 5, 1980.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.